

Despojamento e contraste sintagmático: duas estratégias sintáticas exibindo o mesmo processo linguístico-cognitivo

Gabriela Matos*

Resumo

A Linguística Cognitiva e a Teoria de Princípios e Parâmetros têm perspectivas diferentes sobre a linguagem. Porém, mais do que antagônicas, estas abordagens podem ser consideradas complementares. As construções de Contraste Sintagmático e de Despojamento ilustram esta complementaridade: fazendo apelo a um mesmo processo linguístico-cognitivo, manifestam propriedades estruturais distintas cujas repercussões se fazem sentir a nível da interpretação das frases.

1. Introdução

Embora idênticas do ponto de vista do processo cognitivo envolvido, estruturalmente, as frases em (1) e (2) apresentam um comportamento diverso que justifica incluí-las em duas construções distintas, respectivamente, *Despojamento* e *Contraste Sintagmático*.

- (1) a. Os críticos gostaram do livro e *da revista também*.
b. Os críticos louvaram o livro mas *o poema não*.

- (2) a. Os críticos gostaram do livro e *também da revista*.
b. Os críticos louvaram o livro, mas *não o poema*.

A análise empreendida neste trabalho procura articular propostas da *Linguística Cognitiva* com uma abordagem de Gramática Formal, desenvolvida no âmbito da *Teoria dos Princípios e Parâmetros*. Os posicionamentos teóricos da Linguística Cognitiva e da Gramática Gerativa não são

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

coincidentes. A Linguística Cognitiva, contrariamente à Gramática Gerativa, assume que a Língua não é um sistema cognitivo autónomo, antes se integra no sistema de conhecimento geral. O seu objecto de estudo não é, como na Teoria de Princípios e Parâmetros, a estrutura computacional da língua, mas o registo da conceptualização do mundo materializado na língua e efectuado pela língua. Consequentemente, as unidades e estruturas da linguagem são estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, que organizam conceptualmente a realidade¹ e não, como na Teoria de Princípios e Parâmetros, como unidades linguísticas cujas condições formais de legitimação devem ser caracterizadas.

Contudo, em vez de acentuar as diferenças epistemológicas entre estes dois programas de investigação, gostaria, pelo contrário, de evidenciar que a pesquisa por eles desenvolvida pode ser considerada como complementar. Em particular, assumo que o conceito de gramaticalização — presente na linguística cognitiva para caracterizar, antes de mais, a perda, por parte de um item lexical, do seu conteúdo predicativo em favor de valores gramaticais — deve ser alargado, incorporando o estudo das propriedades formais que caracterizam os itens lexicais e as estruturas em que se inserem. Nesta linha de pensamento, gostaria de citar as palavras de Givón (1995, p. 11), cujas posições conciliatórias me parecem semente de resultados promissores:

*Grammaticalization and ritualization mean nothing unless they mean the rise of **formal structure**. The rise of grammar may be functionally motivated; but once there, formal structure assumes its own reality, communicatively, cognitively and neurologically.*

2. O processo linguístico-cognitivo de Abertura de Janelas de Atenção

Ao apresentar no discurso as situações ou estados de coisas reportados, o locutor estrutura os enunciados colocando determinadas informações em *Primeiro Plano* (ing. *Foreground*), e outras em *Plano de Fundo* (ing. *Background*). As informações remetidas para Plano de Fundo são aquelas que o locutor

¹ Para a Linguística Cognitiva, a Gramática enquanto sistema de organização conceptual deve ver nas unidades lexicais e nas construções gramaticais a sua base semântica, ou seja, respectivamente, os *conceitos prototípicos* e suas mutações (metafóricas e metonímicas (cf. Lakoff (1987)) e os *esquemas de construção conceptual* que as caracterizam — cenas, molduras eventivas ou situações (Talmy 1988, 1996, Fillmore 1982, Langacker 1991). Assim, a componente central da Linguística Cognitiva é a Semântica, com ênfase para a categorização lexical (protótipos, polissemia, metáfora, metonímia), e as estratégias gramaticais de criação de espaços mentais (Fauconnier 1985) ou modelos cognitivos idealizados (Lakoff 1987).

assume como irrelevantes ou pressupõe partilhadas por ele e pelo locutor (Givón 1978, 1989², Talmy 1996). O processo linguístico-cognitivo utilizado pelo locutor para gerir a informação a transmitir, é designado em Talmy 1996 como *Abertura de Janelas de Atenção* (ing. *Windowing of Attention*).³

Segundo Talmy, do ponto de vista linguístico, a Abertura de Janelas de Atenção manifesta-se pela realização lexical das partes da *situação*, ou *moldura eventiva*, a pôr em Primeiro Plano e a omitir os elementos a colocar em Plano de Fundo.⁴ Exemplificando, numa frase reportando um acontecimento, o locutor pode optar por explicitar todos os elementos envolvidos, como em (3a), ou por omitir alguns deles — em (3b), o lugar de origem, em (3c), o meio, em (3d) ambos.

- (3) a. O João foi de casa para a Faculdade de carro.
b. O João foi para a Faculdade de carro.
c. O João foi de casa para a Faculdade.
d. O João foi para a Faculdade.

Porém, para além dos elementos que o locutor pode omitir, existem outros, não referidos em Talmy 1996, que fora de um contexto não podem ser suprimidos pois, a sintaxe e a semântica do núcleo predicativo não o permitem. É o que acontece com o locativo alvo do verbo *ir*, como prova a má-formação dos exemplos seguintes:

- (4) a. *O João foi de carro de casa.
b. *O João foi de carro.
c. *O João foi de casa.
d. *O João foi.

No entanto, as línguas naturais admitem configurações estruturais em que a omissão de constituintes opcionais e obrigatórios é legítima. É o caso das construções elípticas — vejam-se, por exemplo, as frases em (5).

2 Givón (1989, p. 147) distingue as noções de Pressuposição e de Colocação em Plano de Fundo (*backgroundness*), considerando que a primeira é um subcaso da segunda. Pragmaticamente, colocar em Plano de Fundo implica que o locutor espera que o ouvinte não ponha em causa a informação. No caso mais forte, o da informação velha pressuposta, não é esperado o questionamento, pois o conhecimento é tido como partilhado. No caso mais fraco, de informação nova posta em Plano de Fundo, o locutor convida o ouvinte a não por em causa a informação codificando-a como subsidiária, não central ou menos importante. Segundo Talmy (1996, p. 236).

3 Segundo Talmy 1996, a Abertura de Janelas de Atenção é um dos sistemas cognitivos envolvidos na estruturação cognitiva da linguagem. Pertence ao sistema imagético da Distribuição da Atenção, o qual inclui, para além da Abertura da Atenção, o Nível da Atenção, o Centro da Atenção, o Escopo da Atenção e a Rede da Atenção. A Distribuição da Atenção, conjuntamente com outros sistemas imagéticos, como por exemplo a estrutura configuracional de colocação do ponto de vista, a dinâmica da força e o estado cognitivo, delineiam a estruturação conceptual da linguagem.

4 Veja-se Talmy (1996, p. 235).

- (5) a. O João foi para a Faculdade de carro e a Ana também foi [—] [—].
 [—] = para a Faculdade; [—] = de carro
 b. O João foi para a Faculdade de carro e a Ana [—] [—] de mota.
 [—] = foi; [—] = para casa

Parece, pois, adequado alargar o campo de aplicação da estratégia de Abertura de Janelas de Atenção às construções elípticas.⁵ Tanto nestas como nas estruturas não-elípticas, é omitido o material linguístico que o locutor considera irrelevante actualizar no seu discurso. Contudo, no caso das elipses, diferentemente do que acontece nas estruturas não-elípticas, os elementos omitidos são sistematicamente recuperados e interpretados como presentes, ainda que alegadamente em Plano de Fundo — cf. (5), acima.⁶

O mesmo material lexical, resultante do processo linguístico-cognitivo de Abertura de Janelas de Atenção, pode inclusivamente figurar em construções elípticas e não-elípticas. É o que acontece nas frases em (6), representativas de Despojamento e de Contraste Sintagmático:

- (6) a. O João comprou um livro à Maria e *uma revista* também.
 b. O João comprou um livro à Maria e também *uma revista*.

Do ponto de vista sintáctico e, decorrentemente semântico, as frases em (6) são diferentes. Ainda que tenham sido incluídas no segundo membro coordenado as mesmas unidades lexicais, “*uma revista*” e “*também*”, elas estão ordenadas entre si de forma diversa e esta diferente ordenação é indício de uma estruturação distinta — enquanto (6a) é uma *frase elíptica*, (6b) é uma construção de coordenação não elíptica, envolvendo *constituintes sintagmáticos descontinuos*.

Casos com este mostram que a linguística cognitiva não esgota a análise dos discursos produzidos pelo falante e que, em complementaridade com ela, as abordagens formais concorrem para uma caracterização mais completa dos dados linguísticos.

5 Talmy (1996, p.238) reconhece que podem faltar dois tipos diferentes de material numa frase: os que pertencem à cena representada e os periféricos ou acidentais. Os primeiros são evocados conjuntamente ou co-evocam-se; os segundos, quer sejam co-evocados fracamente ou não ficam fora da moldura do evento. Porém, este autor não foca os processos estruturais de elipse como casos da estratégia de Abertura de Janelas de Atenção.

6 Repare-se que nas estruturas não-elípticas, a omissão de constituintes, uma vez que só pode envolver constituintes opcionais, acarreta usualmente a perda de noção da presença desses constituintes nos enunciados em que não figuram abertamente. Assim, na frase (3d), aqui repetida, os constituintes locativo de origem e de meio não são recuperáveis:

(i) O João foi para a Faculdade.

3. Despojamento e Contraste Sintagmático como construções distintas

Na secção anterior foi tacitamente assumido que havia argumentos empíricos que permitiam distinguir Despojamento e Contraste Sintagmático como duas construções estruturalmente distintas. É à explicitação desses argumentos que será devotada a próxima secção. Seguidamente, na última secção, serão propostas representações estruturais para cada uma das referidas construções.

3.1 Propriedades estruturais das duas construções

3.1.1 As expressões de polaridade e o adverbial também

Em Despojamento e em Contraste Sintagmático podem ocorrer expressões de polaridade com as partículas *não*, *sim* e o adverbial *também*. Contudo, a posição ocupada por estes itens é diversa: em Despojamento seguem o sintagma realizado, em Contraste Sintagmático precedem-no — vejam-se os exemplos em (7) e (8).⁷

(7) Despojamento

- a. Ela gosta de ler livros antes de adormecer mas o Pedro *não*.
- b. Eles não festejam o Ano Novo em casa, mas a Ana *sim*.
- c. O Pedro come no restaurante frequentemente e na cantina *também*.
- d. O João não comprou um livro à Maria mas um perfume *também não*.

(8) Contraste Sintagmático

- a. O João comprou um livro à Maria e *também* uma revista.
- b. Ela gosta de ler livros antes de adormecer mas *não* jornais.
- c. O Pedro não come no restaurante mas *sim* em casa.

Uma outra propriedade distingue estas duas construções — o elenco de expressões que nelas pode ocorrer não é inteiramente coincidente.

⁷ Note-se que a escolha dos advérbios no segundo membro coordenado é determinada directamente pela polaridade do primeiro membro coordenado e só indirectamente pela conjunção coordenativa.

(i) a. A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa *não/também*.
b. A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista *mas* a Teresa *não*.
c. A Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa *também não*.
(ii) a.?? A Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista, *mas* a Teresa *também não*.
b. A Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista *mas* a Teresa, contrariamente ao esperado, *também não*.

Também e *também não* denotam identidade de polaridade, afirmativa ou negativa, relativamente ao primeiro membro coordenado. *Sim* e *não* denotam polaridade disjunta do primeiro membro coordenado. Para uma análise mais detalhada, no que diz respeito à construção de Despojamento, veja-se Matos (1992, p. 106-107).

Assim, está excluída de Contraste Sintagmático a locução *também não* (cf. (9)), permitida em Despojamento (cf. (7)). Pelo contrário, podem aparecer nesta construção adverbiais como *apenas, só, ainda e mais* (cf. (10)), — alguns dos quais classicamente considerados como elementos de focalização de constituintes — que estão banidos de Despojamento (veja-se (11)).

(9) *Contraste Sintagmático*

- a. *O Pedro não come no restaurante frequentemente e *também não* na cantina.
- b. *O Pedro não comprou um livro à Ana e *também não* flores.

(10) *Contraste Sintagmático*

- a. O João comprou um livro à Maria e *ainda* uma caneta.
- b. O João comprou um livro à Maria e *mais* uma caneta.
- c. O João *não* comprou um livro à Maria mas *só* uma caneta.
- d. O João comprou um livro à Maria mas *apenas* uma caneta.

(11) *Despojamento*

- a. ??/ *O João comprou um livro à Maria e uma caneta *ainda*.
- b. ??/ *O João comprou um livro à Maria e uma caneta *mais*.
- c. ??/ *O João *não* comprou um livro à Maria mas uma caneta *só*.
- d. ?? O João comprou um livro à Maria mas uma caneta *apenas*.

Adicionalmente, Despojamento pode figurar em frases subordinadas, mostrando que tem uma natureza categorial frásica, diferentemente de Contraste Sintagmático:⁸

(12) *Despojamento*

- a. O Pedro vai ao restaurante todos os dias e a Ana diz [que o João *também*].
- b. Ele não gosta de ler antes de adormecer e eu acho [que a Ana *também não*].
- c. O Pedro conhece os amigos da Ana mas parece [que os do João *não*].
- d. Eles não vão nunca ao teatro, mas penso [que ao cinema, *sim*].

8 Repare-se que em Contraste Sintagmático podem figurar as mesmas conjunções coordenativas que em Despojamento. Porém, é frequente a ideia de que a conjunção *mas* apenas pode coordenar frases e não unidades sintagmáticas menores. Esta ideia não parece ter fundamento empírico, como mostram, para além dos casos de Contraste Sintagmático, exemplos como os seguintes, em que *mas* coordena sintagmas nominais em (i) e sintagmas adjectivais em (ii).

(i) Muitos alunos mas poucos professores assistiram à reunião.
 (ii) Ela comprou um livro caro mas interessante.

(13) *Contraste Sintagmático*

- a. ??/* O Pedro vai ao restaurante todos os dias e a Ana diz [que *também* o João].
- c. *O Pedro conhece os amigos da Ana mas parece [que *não* os do João].
- d. *Eles não vão nunca ao teatro, mas penso [que *sim* ao cinema].

Do mesmo modo, em Contraste Sintagmático, o constituinte realizado como segundo membro coordenado surge livremente em aposição imediata ao sintagma com que entra em correlação, como um constituinte parentético — confrontem-se os exemplos em (8) e (10) com (14).

(14) *Contraste Sintagmático*

- a. O João comprou [um livro, e *também* uma revista,] à Maria.
- b. Ela gosta de ler [livros, mas *não* jornais,] antes de adormecer.
- c. O Pedro não come [no restaurante, mas *sim* em casa].
- d. O João comprou [um livro, e *ainda* uma caneta,] à Maria.
- e. O João *não* comprou [um livro, mas *só* uma caneta,] à Maria.

Porém, em Despojamento, a posição preferencial para a frase elíptica é em aposição a toda a frase anterior (veja-se o contraste entre (7) e (15)):

- (15) a. ??/*Ela, mas o Pedro *não*, gosta de ler livros antes de adormecer.
- b. ??/*Eles, mas a Ana *sim*, não festejam o Ano Novo em casa.

Uma outra propriedade permite distinguir Contraste Sintagmático e Despojamento — a possibilidade de em estruturas de coordenação se poder prescindir da realização explícita do item de polaridade quando este é a partícula afirmativa *sim*. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (16) O João não ofereceu um disco à Maria ontem
 - a. mas uma caneta.
 - b. mas ao Pedro.
 - c. mas hoje.

Repare-se que, se explicitarmos o item de polaridade, a paráfrase preferencial para estas frases, é colocando o item de polaridade imediatamente antes do sintagma realizado, como acontece em Contraste Sintagmático:

- (17) O João não ofereceu um disco à Maria ontem
 - a. mas *sim* uma caneta.
 - b. mas *sim* ao Pedro.
 - c. mas *sim* hoje.

Os exemplos marginais de Despojamento em (18) contrastam com os bem formados em (7) pela ausência dos itens de polaridade:⁹

(18) *Despojamento*

- a. *Ela gosta de ler livros antes de adormecer mas o Pedro.
- b. * Eles não festejam o Ano Novo em casa, mas a Ana.
- c. ??/ *O Pedro come no restaurante frequentemente e na cantina.
- d. *O Paulo deu um livro à Ana e a Maria.

Dois factores determinam a marginalidade dos casos de Despojamento: em primeiro lugar, independentemente da sua natureza elíptica ou não, em frases coordenadas com o mesmo predicado a presença dos adverbiais de polaridade é requerida. A sua ausência torna as frases marginais, ora por redundância, ora por contradição, consoante o valor da conjunção — vejam-se os contrastes de gramaticalidade entre (19) e (20), que apresentam coordenação frásica não-elíptica:

- (19) a. O Pedro come no restaurante frequentemente e a Ana *também* come no restaurante frequentemente.
- b. O João gosta de ler antes de adormecer, mas o Pedro *não* gosta de ler antes de adormecer.
- (20) a. ?? O Pedro come no restaurante frequentemente e a Ana come no restaurante frequentemente.
- b. *O João gosta de ler antes de adormecer, mas o Pedro gosta de ler antes de adormecer.

Porém, em (18), como em (21), um segundo factor concorre para a inaceitabilidade das frases — a impossibilidade de recuperar o predicado frásico sem a presença dos adverbiais de polaridade.

- (21) a. *O Paulo deu um livro à Ana e a Maria.
- b. *Os livros foram comprados mas os cadernos.

Com efeito, os itens de polaridade quando ocorrem no domínio frásico seleccionam constituintes temporalizados. Deste modo, a sua presença no fim

⁹ Recordem-se os exemplos em (7):

- (i) Ela gosta de ler livros antes de adormecer mas o Pedro *não*.
- (ii) Eles não festejam o Ano Novo em casa, mas a Ana *sim*.
- (iii) O Pedro come no restaurante frequentemente e na cantina *também*.
- (iv) O João não comprou um livro à Maria mas um perfume *também não*.

O exemplo (iv) foi excluído do confronto porque quando se suprime a expressão *também não* passa imediatamente a ser interpretado como uma instância de Contraste Sintagmático, de polaridade positiva:

- (i) O João não comprou um livro à Maria mas (sim) um perfume.

do segundo membro coordenado é indício da existência de uma estrutura frásica plenamente expandida, ainda que elíptica.¹⁰

Em suma, o conjunto de testes utilizados até ao momento permite distinguir Despojamento e Contraste Sintagmático — a primeira é uma construção elíptica de natureza frásica, de que só se encontra realizado um dos constituintes. A segunda, não envolve elipse mas sintagmas descontínuos que são contrastados entre si.

3.1.2 Os sintagmas realizados

Os sintagmas que precedem ou seguem os constituintes de polaridade em Despojamento e em Contraste Sintagmático podem ser de diferentes naturezas categoriais e desempenhar diferentes funções sintáticas.

Em Despojamento, qualquer *projecção máxima* detendo uma relação temática, de argumento ou adjunto, ou funcionando como um predicado pode ocorrer. Exemplificando:

- (22) A Maria vê sempre o noticiário à hora do almoço.
a. e a *Ana* também.
(argumento → sujeito)
b. mas a *telenovela* não.
(argumento → objecto directo)
c. e à *hora do jantar* também. (adjunto preposicional)

- (23) A Ana tem lido muitos livros e *escrito muitos livros* também
(Predicado verbal)

A mesma diversidade de constuintes é atestada pela construção de *Contraste Sintagmático* à excepção de um caso — diferentemente de Despojamento, *Contraste Sintagmático* dificilmente aceita a presença de constituintes sujeito.

- (24) A Maria vê sempre o noticiário à hora do almoço
a. ?? e também a *Ana*.
(argumento → sujeito)
b. mas não a *telenovela*.
(argumento → objecto directo)
c. e também à *hora do jantar*. (adjunto adverbial)

10 Existem outras configurações estruturais em que a recuperação da estrutura frásica elíptica é possível sem a presença do adverbial imediatamente a seguir ao sintagma realizado. É o caso das frases comparativas, em (i) e (ii), de que não me ocuparei neste trabalho:

(i) O Paulo deu mais livros à Ana do que a *Maria*.
(ii) O João não vai tantas vezes ao teatro à noite como ao *cinema*.

(25) A Ana tem lido muitos livros e também *escrito muitos livros*.
(Predicado verbal)

De facto, (24a) é marginal na interpretação em que o constituinte *a Ana* desempenha a função de sujeito. A leitura mais frequente é a que atribui a este constituinte a função de objecto directo, daí resultando uma frase pragmaticamente pouco feliz (*o noticiário* e *a Ana* são dados como elementos correlatos).

O confronto entre (24a) e as frases em (26) mostra que em casos de focalização explícita do Sujeito, este pode participar em Contraste Sintagmático. Como é sabido, existem em Português três estratégias fundamentais de focalização: por marcação prosódica, por emprego de partículas de focalização como *só*, *até*, *mesmo*, e por colocação do constituinte a *focalizar em posição pós-verbal*. Estes processos estão todos representados em (26).

(26) a. A MARIA vê o noticiário à hora do almoço, e *também a Ana*.
b. *Só a Maria* vê o noticiário à hora do almoço, e *não a Ana*.
c. À hora do almoço vê *a Maria* o noticiário, e *não a Ana*.¹¹

Estes dados sugerem que Contraste Sintagmático é uma construção de *Focos Contrastivos Marcados*¹². Enquanto tal, Contraste Sintagmático envolve dois constituintes coordenados, dos quais o primeiro se encontra numa posição focalizada, marcada ou não¹³, e o segundo ocupa uma *posição periférica marcada*, à direita da frase.

11 Sobre os constituintes alvo de focalização em frases como esta, veja-se Duarte (1997).

12 No caso em que a marcação prosódica legitima Contraste Sintagmático sobre o Sujeito, nem sempre essa marcação prosódica apresenta a mesma audibilidade. Assim com verbos não transitivos directos, dada a existência de um único argumento nominal, o acento de intensidade sobre o sujeito não precisa de ser tão marcado:

(i) O João telefonou ao Pedro, mas não a Maria.
(ii) Os livros chegaram hoje, e também as revistas.

13 Este análise permite-nos compreender porque é que esta construção envolve preferencialmente constituintes em posição pós-verbal — eles ocupam as posições típicas dos focos não marcados em Português

Note-se ainda que, em Contraste Sintagmático, ambos os membros contrastados são focalizados e que no segundo membro coordenado são as partículas de polaridade ou os adverbiais *só*, *apenas*, *ainda*, etc. que desempenham essa função. Porém, quando a focalização no segundo membro se faz através da partícula *sim*, esta pode ser omitida:

(i) A Maria não foi ao cinema hoje, mas (*sim*) *ao teatro*.

Contudo, se houver omissão da partícula de polaridade, Contraste Sintagmático não pode afectar o constituinte na posição de sujeito frásico ainda que sobre ele recaia um acento de intensidade.

(ii) a. ??/* A MARIA não foi ao cinema hoje, mas *a Luísa*.

b. ??/* A MARIA não pôs o livro na mesa, mas *o João*.

Assumo que este comportamento se deve ao facto de o marcador de negação frásica focalizar os constituintes que se encontram no seu domínio de escopo, o SV, delimitando-os como os potenciais elementos a confrontar em Contraste Sintagmático.

Note-se que se na frase negativa o sujeito ocorrer em posição pós-verbal, já é possível a incidência de Contraste Sintagmático sobre o Sujeito e a ausência de *sim* no sintagma contrastado:

(iii) Hoje não foi *a Maria* ao cinema, mas *a Luísa*.

Por sua vez, em *Despojamento*, os constituintes realizados não podem ser considerados como focos contrastivos:

- (27) a. A Maria vê o noticiário à hora do almoço, mas a Ana *não* [-].
b. A Maria vê o noticiário à hora do almoço, e à hora do jantar *também* [-].

Uma análise atenta desta construção em frases coordenadas mostra que o que entra em contraste são os predicados elípticos. Porém, estes não podem ser considerados como focos. A sua não realização lexical demonstra que não constituem informação nova, característica dos focos, mas dada ou pressuposta (Jackendoff, 1972), e insuceptível de ser prosodicamente acentuável (Williams, 1997). De facto, em *Despojamento*, a informação nova restringe-se à expressa pelas expressões de polaridade lexicalizadas, que crucialmente explicitam que o predicado elíptico tem uma denotação idêntica ou disjunta da do predicado realizado que lhe fixa o conteúdo.

3.2 As representações estruturais para *Despojamento* e *Contraste Sintagmático*

A análise empírica empreendida leva-nos a propor diferentes representações para *Despojamento* e para *Contraste Sintagmático*.

3.2.1 A representação estrutural de *Despojamento*

Assumamos, o esquema simplificado de estrutura frásica apresentado em (28). Neste esquema, SC é o sintagma que tem por núcleo o complementador, núcleo esse usualmente ocupado pelas conjunções subordinativas, e SF é o sintagma que corresponde ao domínio frásico propriamente dito. A frase subordinada em (29), ilustra esta configuração estrutural.

- (28) [_{SC}... [_{SF}... [_{SV}...]]]

- (29) A Ana disse [_{SC} que [_{SF} eles [_{SV} comprariam o jornal]]].

Os exemplos em (30) mostram que, em *Despojamento*, todo o material linguístico realizado se pode encontrar dominado por SC: em (30b), *o João também* está encaixado numa frase subordinada elíptica introduzida pelo complementador *que*. O mesmo acontece a *ao cinema sim* em (30c).

- (30) a. O Pedro vai ao restaurante todos os dias e o João *também*.
b. O Pedro vai ao restaurante todos os dias e a Ana diz [_{SC} que [o João *também*]].

c. Eles não vão ao teatro hoje, mas penso [_{SC} que [ao cinema *sim*]].

As frases em (31) e (32) sugerem, ainda, que, embora internos a SC os constituintes realizados são externos ao domínio frásico propriamente dito, ou seja, a SF:

- (31) a. Eles não vão ao teatro hoje, mas penso que ao cinema *sim*, *eles vão hoje*.
b. ... mas penso [que ao cinema *sim*, [*eles vão hoje*]].

(32) *Eles *sim* vão ao cinema hoje.

O exemplo (31), que é paralelo a (30c), mostra que Despojamento pode ser parafraseável por frases não elípticas e que estas podem apresentar todos os seus constituintes na sua posição canónica, à excepção do sintagma que precede o adverbial de polaridade. Com efeito, em (31) o pronome *eles* ocupa a posição característica de sujeito frásico preverbal e o sintagma *ao cinema* ocorre deslocado, na periferia esquerda da frase.

Por seu turno, a inaceitabilidade de (32) revela que o adverbial de polaridade afirmativa *sim* está excluído de posições internas à frase propriamente dita. A boa formação de frases como (30c) só pode, pois, ser interpretada se admitirmos que em Despojamento os adverbiais de polaridade se encontram numa posição externa ao domínio frásico estrito, ou seja, a SF.

Concluindo, os argumentos analisados nesta subsecção sugerem, para Despojamento, a representação estrutural (33). Em (33) existe uma projecção intermédia entre SC e SF, aqui designada por SPol na medida em que é encabeçada pelas expressões de polaridade afirmativa ou negativa *sim*, *também*, *não*, *também não*.¹⁴

(33) [_{SC}... [_{SPol}... [_{SF}... [_{SV}...]]]]¹⁵

14 Em Matos (1992), assumi que a posição ocupada pelas expressões de polaridade e o sintagma realizado em Despojamento era a projecção Sigma proposta em Laka (1990). Porém, para esta autora, a projecção Sigma alberga constituintes focalizados marcados, e, como vimos anteriormente, é problemático assumir que os sintagmas que precedem os itens de polaridade em Despojamento são focos. Adicionalmente, à argumentação de Laka (1990), contrapõe-se a de Duarte (1997), que exclui os focos informacionais de posições periféricas à esquerda em Português Europeu. Contudo, é igualmente difícil admitir que os constituintes realizados em Despojamento são tópicos contrastivos, uma vez que apresentam comportamentos diversos dos destes (Matos, 1992). Assim, por exemplo, contrariamente ao que acontece na topicalização em Português Europeu (Duarte, 1987, 1996), em Despojamento podem ocorrer quantificadores negativos:

(i) **A ninguém*, o João (não) falou. (Topicalização)

(ii) O João não falou ao Pedro, nem *a ninguém* também. (Despojamento)

15 Diferentemente de Zanuttini (1994) não considero que PolP seja uma posição ocupada pelo marcador de negação frásica canónico (Matos, 1992, 1996, 1999).

Assim, nas frases (34a) e (35a), o segundo membro coordenado pode ser representado como em (34b) e (35b), em que (35) difere de (34) apenas por Despojamento não aparecer numa estrutura de subordinação e, conseqüentemente a projecção SC não ocorrer. Em ambos os casos SF é elíptico.

- (34) a. Eles não vão ao teatro hoje, mas penso que ao cinema, *sim*.
b. ... [_{SC} que [_{SPol} ao cinema, *sim* [_{SF}—]]]

- (35) a. Eles não vão ao teatro hoje, mas ao cinema, *sim*.
b. ... [_{SPol} ao cinema, *sim* [_{SF}—]]]

3.2.2 A representação estrutural de Contraste Sintagmático

O tratamento proposto por Reinhart (1991) para frases como (36) pode servir-nos de referência para Contraste Sintagmático em Português.¹⁶

- (36) The critics praised your book yesterday but *not your poem*.
(Reinhart 1991: 362)

Reinhart (1991) considera que nesta construção as unidades contrastadas são inicialmente geradas na posição descontínua que explicitamente ocupam — vejam-se os constituintes em itálico em (37).

- (37) a. O João deu *esse livro* ao filho, *mas não essa revista*.
b. O João deu *esse livro* ao filho, *e também essa revista*.

No entanto, existem casos em que os constituintes contrastados ocorrem em contiguidade, detendo, todavia, o segundo membro coordenado o estatuto de um constituinte parentético — cf. (38):

- (38) a. O João deu *esse livro*, *mas não essa revista*, ao filho.
b. O João deu *esse livro*, *e também essa revista*, ao filho.

Assim, uma hipótese que se poderia levantar seria considerar que estruturas como (38) estão subjacentes a frases como (37), que delas seriam derivadas por movimento do segundo membro coordenado para o fim da

16 Exemplos como (36) foram alvo de diversas designações na literatura: Hankamer e Sag (1976), McCawley (1982, 1987) e Chao (1987) denominaram-nos *Stripping*, Reinhart (1991) e, na sua esteira, Kempson (1993) designaram-nos como *Bare Argument Ellipsis*. Sob esta rubrica são incluídas ainda frases como (i), que em Português dissemos corresponderem a Despojamento, uma estrutura de elipse frásica. Porém, em Inglês, a posição do advérbio *too* parece ser fixa, como mostra (ii), e estas estruturas não podem ocorrer em domínios de subordinação. Estas propriedades sugerem que esta construção em Inglês não envolve elipse frásica mas constituintes sintagmáticos descontínuos.

(i) The critics liked your book and the public *too*.

(ii) *The critics liked your book and *too* the public.

(iii) *The critics liked your book and I think *that the public too*.

frase. Esta hipótese aproxima Contraste Sintagmático da construção classicamente designada como Extraposição.¹⁷

Porém, como faz notar Reinhart (1991), as estruturas exibindo Contraste Sintagmático têm um comportamento muito diferente do das resultantes de Extraposição, o que invalida a identificação destas duas construções. Considerem-se os exemplos em (39) e (40).

- (39) a. O editor concordou em publicar [muitas críticas [*sobre este livro*]_i] na próxima edição da revista.
 b. O editor concordou em publicar [muitas críticas [-]_i] na próxima edição da revista, [*sobre este livro*]_i.
 c. *O editor concordou em publicar [muitas críticas [-]_i], quando o pressionámos, [*sobre este livro*]_i.

- (40) O editor concordou em publicar *muitas críticas*, quando o pressionámos, *mas não sobre esse livro*.

O exemplo (39a) apresenta-nos o constituinte preposicionado, *sobre este livro*, na sua posição canónica de complemento do núcleo nominal *críticas*. Pelo contrário (39b) e (39c) são casos de Extraposição — o constituinte extraposto ocorre no final da frase, à direita, e deixa ficar no lugar onde foi inicialmente gerado uma posição vazia, assinalada como [-]. Os índices em subscrito nestes exemplos indicam que o conteúdo referencial dessa categoria vazia é estabelecido pelo constituinte extraposto.

Porém, as frases (39b) e (39c) divergem entre si em aceitabilidade. Com efeito, em (39b), o sintagma preposicional é Extraposto localmente, ou seja, para o fim da frase em que foi originariamente gerado e o enunciado resultante é bem-formado. Em (39c), pelo contrário, o referido constituinte é extraposto para o final da frase complexa que inclui a frase principal (*o editor concordou em publicar muitas críticas [-]*) e a frase adverbial temporal (*quando o pressionámos*) e, por isso, a frase obtida é mal-formada. Por outras palavras, a Extraposição é uma operação limitada a um domínio frásico local.¹⁸

Atentemos seguidamente no exemplo (40), representativo de Contraste Sintagmático. O facto de o constituinte correlato do segundo membro coordenado se encontrar na frase principal e de entre eles se interpor a frase adverbial, não produz qualquer grau de marginalidade. Temos, pois, de concluir que, diferentemente da Extraposição, Contraste Sintagmático não se encontra limitado a um domínio frásico local. Deste modo, não há motivo para pensar que Contraste Sintagmático envolve movimento explícito do segundo membro da coordenação.

17 Uma visão diferente da extraposição é apresentada em Larson (1988) e em Kayne (1994). Para estes autores não há movimento à direita, mas antes deslocação para a esquerda de um dos constituintes.

18 Para um tratamento destes contrastes sem fazer apelo ao movimento de constituintes, veja-se, por exemplo, Culicover (1997).

Consequentemente, (41) parece ser uma representação adequada para Contraste Sintagmático. Nesta configuração o segundo membro coordenado, [Conj [SX]], aparece logo de início associado ao domínio frásico total que comporta o constituinte (SX), de que é correlato:

(41) [_{SF} ... SX ...] [Conj [SX]]

Tendo por ponto de partida esta representação, a nossa análise de Contraste Sintagmático tem de apelar para mecanismos adicionais a fim de captar a correcta interpretação da frase. De facto, se admitirmos que o primeiro membro coordenado é toda a frase, ainda que sintaticamente legítima, a representação em (41) não parece respeitar o paralelismo semântico usual entre os membros coordenados.¹⁹ Do mesmo modo, esta representação não capta que o constituinte introduzido pela conjunção coordenativa não modifica a frase, mas um constituinte dentro dela, o seu correlato focalizado.

Assim, é preciso assumir que, no nível de representação em que a estrutura é interpretada, o constituinte focalizado no primeiro membro coordenado ocupa uma posição estrutural em que pode ser interpretado como o primeiro membro da coordenação.²⁰ A implementação formal deste requisito pode ser feita nos termos sugeridos em Reinhart (1991) — o constituinte focalizado do primeiro membro coordenado move-se da sua posição básica para adjunção ao domínio frásico em que se encontra, como ilustrado em (43).

(43) [SX_i [_{SF} ... [_{SX}-]_i ...]] [Conj [SX]]

A motivação para este movimento é imputável a um requisito de escopo do constituinte focalizado (Chomsky, 1976). De facto, da posição de adjunção a SF para que se move, o correlato focalizado tem escopo sobre toda a estrutura coordenada.²¹ Nestas circunstâncias, pode entrar em construção com o segundo

19 Como vários autores notaram (por exemplo, Sag et alii, 1985, Goodall, 1987 e Munn, 1993), embora não tão característica como a coordenação de categorias sintáticas idênticas, a coordenação de categorias sintáticas diferentes é permitida desde que haja paralelismo semântico entre os termos coordenados. Assim em (i) e (ii) são coordenados um sintagma adjectival e um sintagma preposicional, mas só em (ii) eles têm funções semânticas diferentes entre si.

(i) O rapaz acordou [[_{cansado}] e [de mau humor]].

(ii) ??*O rapaz acordou [[cansado] e [de manhã]].

20 Esse nível de representação é Forma Lógica na Teoria de Princípios e Parâmetros.

21 Estou a assumir, como é usual na Teoria de Princípios e Parâmetros, que escopo é definido em termos de c-comando. É igualmente esta a posição de Reinhart (1991). Recorde-se o conceito de c-comando:

(i) C-Comando:

Um nó X c-comanda um nó Y se a categoria que domina X domina Y, e X e Y forem desconectados.

X e Y são desconectados se X _ Y e nenhum deles dominar o outro.

Na sequência do trabalho de Kayne (1994), de acordo esta definição de c-comando em termos de categorias, um constituinte em adjunção ao primeiro membro coordenado c-comanda toda a estrutura coordenada. Sobre este aspecto veja-se Matos (1995, 1997).

membro coordenado, sendo interpretado como o primeiro termo da coordenação (Reinhart, 1991).

Não desenvolverei mais esta análise, pois os aspectos técnicos que envolve não me parecem cruciais para a argumentação central deste artigo. Na verdade, creio tudo o que cabe realçar é que a distinção estrutural entre as construções de Despojamento e de Contraste Sintagmático é empiricamente motivada e formalmente implementável.

Conclusões

Despojamento e Contraste Sintagmático obedecem ao mesmo processo linguístico-cognitivo de Abertura de Janelas de Atenção. Contudo, do ponto de vista estrutural, apresentam-se como duas construções distintas: Despojamento é uma construção de elipse frásica e Contraste Sintagmático envolve constituintes sintagmáticos descontínuos.

A análise sintáctica aqui esboçada mostra que a posição relativa dos constituintes traduz uma diferente articulação entre as unidades, crucial para a interpretação das frases. Assim, enquanto em Contraste Sintagmático são contrastados constituintes focalizados, em Despojamento são contrastados predicados idênticos através de expressões de polaridade que caracterizam o predicado elíptico como denotativamente idêntico ou disjunto relativamente ao predicado realizado.

Referências Bibliográficas

- CHAO, Wynn. *On Ellipsis*. Amherst, Massachusetts, 1987. PhD Dissertation: University of Massachusetts at Amherst.
- CHOMSKY, Noam. Conditions on Rules of Grammar. *Linguistic Analysis*. v. 2, p. 303-51, 1976.
- CULICOVER, Peter. *Principles and Parameters*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- DUARTE, Inês. *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Lisboa, 1987. Tese doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1987.
- _____. A Topicalização em Português Europeu: uma Análise Comparativa. In: Duarte, Inês e Isabel Leiria (orgs.). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, v.1. Lisboa: Colibri/APL, 1996.
- _____. Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva. In: BRITO, OLIVEIRA, LIMA e MARTELO (orgs.). *Sentido que a Vida Faz — Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 1997.

- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1985.
- FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*, III. Seoul, Hanshin, 1982.
- GIVÓN, Talmy. Negation in Language: Pragmatics, Function, Ontology. *Syntax and Semantics*. v. 9. Academic Press, 1978.
- _____, *Mind, Code and Context — Essays in Pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1989.
- _____, *Functionalism and Grammar*, John Benjamins. Amsterdam/Philadelphia, 1995.
- GOODDALL, Grant. *Parallel Structures in Syntax — coordination, causatives and restructuring*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HANKAMER, J. and I. Sag. Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry*, v. 7, n. 3, 1976.
- KAYNE, Richard. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1994.
- KEMPSON, Ruth. Input Systems, Anaphora, Ellipsis and Operator Binding. In: REULAND, E., ABRAHAM, W. (eds). *Knowledge and Language*, v. II. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1972.
- LAKA, M. *Negation in Syntax: on the Nature of Functional Categories and Projections*. Cambridge, Ma: MIT, 1990. (Dissertation - PhD)..
- LAFOFF, Georges. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald. *Concept, Image and Symbol — The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin/ NewYork: Mouton de Gruyter, 1991.
- LARSON, Richard. On Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*: v. 19, n. 3, 1988.
- MATOS, Gabriela. *Construções de Elipse do Predicado em Português — SV Nulo e Despojamento*. Lisboa, 1992. Tese (Doutorado) - Universidade de Lisboa.
- _____, “Estruturas Binárias e Monocentricas em Sintaxe: algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas”: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 1995
- _____, A Distribuição de Despojamento. In Duarte e Leiria (orgs.). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, v. II . Lisboa: APL/Colibri, 1996.
- _____, Configurações Sintáticas em Estruturas de Colocação Simultânea de Clítico. In: BRITO, OLIVEIRA, LIMA, MARTELO (orgs.). *Sentido que a Vida Faz — Estudos para Óscar Lopes*, Porto: Campo das Letras, 1997.
- _____, Negação Frásica e Concordância Negativa em Português Europeu. *Actas do XIV Encontro da APL*. Braga, 1999.

- McCRAWLEY, James. Parentheticals and Discontinuous Constituent Structure. *Linguistic Inquiry*. v. 13, n. 1, 1982.
- _____. Some additional Evidence for Discontinuity. *Syntax and Semantics*, v. 20. San Diego: Academic Press, 1987.
- MUNN, Alan. *Topics in the Syntax and Semantics of Coordinate Structures*. Maryland, 1993. Dissertation (PhD) - Faculty of the Graduate School of the University of Maryland.
- REINHART, Tania . Elliptic Conjunctions — Non Quantificational-LF. In: Kasher, Asa (ed.) *The Chomskyan Turn*. Oxford: Blackwell, 1991.
- ROCHEMENT, CULICOVER. *English Focus Construction and The Theory of Grammar*. Cambridge: CUP, 1990.
- SAG, I. G. GAZDAR, T. WASOW, S. WEISLER. Coordination and how to distinguish Categories. *Natural Language and Linguistic Theory*. v. 3, n.2, 1985.
- TALMY, Leonard. The Relation of Grammar to Cognition. In: Rudzka-Ostyn (ed.) *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988.
- _____. The Windowing of attention in Language. In: Shibatani (ed.) *Grammatical Constructions*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- WILLIAMS, Edwin. Blocking anaphora, *Linguistic Inquiry*. v. 28, n. 4, 1997.
- ZANUTTINI, Rafaella. Re-examining Negative Clauses, In: CINQUE, KOSTER, POLLOCK, RIZZI, ZANUTTINI. *Paths Towards Universal Grammar*, Georgetown: Georgetown University Press, 1994.